

## **Coberturas telejornalísticas a tragédias e mortes: reflexões sobre o caso Celso Daniel, o acidente com os Mamonas Assassinas e o incêndio da boate Kiss<sup>1</sup>**

Vernihu Oswaldo Pereira NETO<sup>2</sup>  
Michele Negrini<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### **RESUMO**

O foco deste artigo é analisar o trabalho do jornalismo televisivo em caso de tragédias e de mortes. Vamos refletir sobre coberturas realizadas pela Rede Globo e suas filiais ao assassinato de Celso Daniel, ao acidente que vitimou os Mamonas Assassinas e à tragédia da boate Kiss. Vamos observar algumas transformações ocorridas em relação ao trabalho do jornalismo televisivo, assim como os produtos jornalísticos produzidos posteriormente, como documentários e livros.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo televisivo; coberturas telejornalísticas; morte; tragédia.

### **INTRODUÇÃO**

Seja uma vingança ou um acidente, uma irresponsabilidade ou um descuido, um carro na Tamburello, um avião na Cantareira outro na Colômbia: em todos esses casos, a ocorrência de mortes gerou emoções que tomaram conta de milhões de brasileiros e lágrimas correram pelos seus rostos. Grandes tragédias são um assunto que gera significativa repercussão entre o público, que causa tristezas e preocupações e que recebe grandes coberturas midiáticas e jornalísticas. O jornalismo brasileiro ficou marcado pelas coberturas de grandes tragédias e repercutiu entre os públicos diversos eventos trágicos, como o incêndio no “Gran Circus Norte-Americano”, que foi o incêndio com mais mortos na história do Brasil; o acidente com o time de futebol da Chapecoense; a batida de Senna e o acidente com os Mamonas Assassinas.

Com o decorrer dos anos, os desenvolvimentos tecnológicos são latentes, o que implica em transformações nas formas de abordar os acontecimentos em âmbito

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da UFPEL e-mail: vernihu.pereira.oswaldo@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Tem Pós-doutorado pela UFBA, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). Email: mmnegrini@yahoo.com.br

---

midiático. Se no nem tão longínquo 1994, Roberto Cabrini teve que repetir diversas vezes a mesma frase (“morreu Ayrton Senna da Silva”) para garantir o entendimento da informação, já que dava a notícia por telefone e havia ruídos, a cobertura ao acidente da Chapecoense foi transmitida ao vivo, por mais de 12h e por diversos canais de TV.

Em 1995, cinco garotos estouraram nas rádios brasileiras cantando o cotidiano com muito humor e, rapidamente, tornaram-se ídolos nacionais, levando alegria para o povo brasileiro, que passava por anos difíceis. Mas o meteoro da alegria, como a banda era conhecida, encontrou seu fim, em fevereiro de 1996, na Serra da Cantareira, onde seu avião se chocou, levando a óbito todos os que estavam a bordo.

Em janeiro de 2002, o então prefeito da cidade de Santo André, Celso Daniel, foi assassinado, dando início a uma sequência de crimes que nunca foi explicada, pois diversos personagens, principais ou coadjuvantes, da história foram assassinados em circunstâncias pouco explicadas. A forte suspeita de um crime político torna o caso um marco na história brasileira.

A noite do dia 27 de janeiro de 2013 ficou gravada na mente dos brasileiros para sempre, após incêndio dentro da boate Kiss – localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul, 242 pessoas morreram, 242 famílias destroçadas, 242 jovens que deixaram a vida de forma precoce. Sonhos terminados no apagar das luzes, com o fogo e com a fumaça. Uma das maiores tragédias da história do país comoveu não apenas o povo gaúcho, mas todo o país.

Os três casos citados anteriormente trazem algumas das facetas que o jornalismo encontra quando precisa cobrir uma grande tragédia. No caso dos Mamonas Assassinas, a faceta do ídolo, de pessoas famosas: milhares de crianças e adultos choraram com a morte de quem tanto proporcionou alegrias; já no caso de Celso Daniel, se visualiza a importância do jornalismo investigativo, já que muitas polêmicas surgiram em torno do caso; e na boate Kiss, a faceta da morte em uma tragédia, um acontecimento maior que qualquer outro - o holocausto de jovens. Nas palavras da enfermeira Liliane Espinosa, era necessário: “devolver aqueles meninos e meninas aos seus pais<sup>4</sup>.” (ARBEX, 2018, p.35) Se para Liliane a missão era devolver os corpos das vítimas para a família, o jornalismo precisava acordar o país informando que um grande número de jovens tinha morrido em decorrência de um incêndio em uma boate no Sul do Brasil.

---

<sup>4</sup> Frase dita pela Capitã Liliane para os policiais que trabalhavam na remoção dos corpos da boate Kiss.

---

Essas três coberturas demonstram a complexidade do trabalho jornalístico em casos de tragédias e de mortes. Neste artigo, vamos discorrer sobre as coberturas citadas com o intuito de observarmos algumas transformações ocorridas, com o decorrer do tempo, em relação ao trabalho jornalístico. Para isso, vamos refletir sobre as coberturas imediatas, especialmente feitas pela Rede Globo e suas filiais, e sobre os produtos jornalísticos produzidos depois, como especiais, documentários e livros.

### **Coberturas telejornalísticas à morte**

Neste artigo, serão observadas coberturas de tragédias e mortes. Especificamente, vamos focar o olhar para a tragédia da Kiss, ocorrida em 2013; o assassinato de Celso Daniel, em 2002; e a queda do avião dos Mamonas Assassinas, que se deu em 1996. Para dar respaldo às reflexões, vamos convocar algumas discussões teóricas sobre notícia e sobre reportagem. De acordo com a concepção de Sousa:

Pode dizer-se que uma notícia é um artefato linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2002, p. 3).

As notícias, geralmente, refletem o olhar do jornalista e do veículo de comunicação sobre um fato. Cabe ao profissional do jornalismo o entendimento sobre as principais facetas de um fato e a seleção do que será apresentado ao público e do que vai fazer parte de uma cobertura.

Coberturas são reportagens maiores e mais amplas do ponto de vista estrutural. E a tecnologia é um fator importante para dar suporte ao delineamento de uma cobertura. Em relação aos casos que estamos observando, na cobertura da tragédia da Kiss, vários delineamentos, como o uso de maquetes virtuais e de simulações virtuais de partes do acontecimento marcaram as transmissões. Já em casos mais antigos, tais recursos ainda não eram visíveis no cenário da realidade tecnológica das emissoras de TV do Brasil. Ao refletir sobre cobertura telejornalística, Carlida Emerim e Antônio Brasil assinalam:

[...] cobertura corresponde ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado. De forma mais ampla, é todo o trabalho de reportagem que apresenta um tema sob diferentes abordagens, ou seja, que aprofunde, desenvolva ou diversifique o tema central (EMERIM e BRASIL, 2011, p.04).

Abordando a tecnologia nas coberturas televisivas, Cárilda Emerim e Antônio Brasil apontam a cobertura da Guerra do Iraque como um marco e um exemplo quando

---

se fala em coberturas do jornalismo televisivo. Nesse evento, diversos recursos foram utilizados pelos repórteres in loco e pelos telejornais:

Na televisão, nos programas antecipativos, imagens holográficas, infografias, artes animadas por computador e vinhetas especiais apresentavam as armas, os uniformes, os territórios e as estratégias de guerra, combinadas a inúmeros especialistas que analisavam os armamentos e prospectavam as possibilidades. Durante, no front de batalha, inúmeros jornalistas acompanharam e mostraram ao mundo o avanço das tropas com câmeras de visão noturna, equipamentos portáteis de transmissão de dados via internet – o videofone –, permitindo a exibição de imagens em locais de difícil acesso, tais como o interior de tanques de guerra e bunkers à prova de materiais radioativos (EMERIM e BRASIL, 2011, p.11).

Olhando para a realidade brasileira, podemos apontar as coberturas esportivas como espaços de amplo uso da tecnologia, como foi possível verificar na cobertura da Copa do Mundo de 2014 e na Olimpíada de 2016, ambas no Brasil. Desde a Copa do Mundo de 1974, os jogos são transmitidos ao vivo. Na copa de 2006, por exemplo, mais de 100 milhões de pessoas acompanharam as transmissões (BUENO, 2015). Apesar da ampla presença no jornalismo esportivo, as tecnologias são utilizadas para as demais editorias e recursos como simulações, mesas técnicas, maquetes, comunicação imediata entre repórteres, etc, revolucionariam o telejornalismo, inclusive nas coberturas de tragédias e de morte.

A morte é um tema que demanda cuidado para se analisar, já que, apesar de ser um fenômeno natural, é, também, um assunto que é importante em relação à cultura. Em alguns países, como no México, a morte é tratada como uma celebração, uma celebração à vida que se levou, às pessoas que se amou, às coisas que se adorou. Acredita-se que enquanto uma pessoa for lembrada, ela seguirá existindo. O filme “Viva – A vida é uma festa”, feito pelo estúdio Pixar e assinado pelo diretor Lee Unkrich, ilustra a cultura mexicana. Um dos personagens do filme, o malandro Ernesto, luta até o fim para que sua família lembre dele e o celebre para que ele não deixe de existir.

Já em outras culturas, como na maior parte do Brasil, a morte é um evento que remete ao luto e a tristezas. O jornalista Pedro Bial, observando o velório do humorista Bussunda, ocorrido em 18 de junho de 2006, escreve sobre a morte:

Assisti a algumas imagens do velório do Bussunda, quando os colegas do Casseta & Planeta deram seus depoimentos, parecia que a qualquer instante iria estourar uma piada, estava tudo sério demais, faltava a esculhambação, a zombaria, a desestruturação da cena, mas nada acontecia ali de risível, era só dor e a perplexidade, que é mesmo o que causa em todos os que ficam. A

---

verdade é que não havia nada a acrescentar no roteiro: a morte por si só, é uma piada pronta. A morte é ridículo<sup>5</sup>.

O programa humorístico Cassetta & Planeta ilustra bem o sentimento da morte na cultura brasileira. Um programa que não poupava ninguém de suas piadas não ousou tocar em Senna quando ocorreu sua morte, nenhuma piada foi feita, demonstrando que a consternação nacional atingiu também ao humorístico (FIUZA, 2010).

Octavio Paz, ganhador do prêmio Nobel de literatura em 1990, é um estudioso da morte e um defensor da finitude como uma parte importante, e não triste, da vida. Assim como seu povo, o mexicano enxerga a morte como uma festa.

Nossa morte ilumina nossa vida. Se a nossa morte não tem sentido, tampouco nossa vida. É por isso que quando alguém morre violentamente, costumamos dizer: "ele procurou por ele". E é verdade, todo mundo tem a morte que é procurada, a morte que é se a morte nos trai e morremos mal, todo mundo lamenta: nós temos que morrer enquanto vivemos. A morte é intransferível, como a vida. Se não morremos como vivemos, é porque realmente não foi a nossa vida que vivemos: não nos pertence, pois não nos pertence o azar que nos mata. Diga-me como você morre e eu lhe direi quem você é (PAZ, 2014 p.21).

A morte pode ser tratada com dor, com esperança ou com celebração. E ela sempre será um assunto importante e que requer espaço nas coberturas dos veículos de comunicação.

### **A noite mais triste da terra<sup>6</sup>**

Santa Maria está encravada no coração do estado do Rio Grande do Sul, cidade com várias universidades e que conta com agitada vida noturna. Entre as suas imensas subidas e descidas, Santa Maria pulsa no ritmo da juventude. Mas, na noite de 27 de janeiro de 2013, na Rua dos Andradas, Santa Maria passaria a pulsar no ritmo das sirenes, pois 242 de seus habitantes perderiam a vida e 680 outros seriam feridos, um punhal no coração da pequena cidade, que amanheceria chorando e, rapidamente, arrancaria lágrimas do país inteiro. A Boate “Kiss” padeceria diante do fogo e, principalmente, diante do cianeto. O jornalista Marcelo Canellas analisa a tragédia:

Kiss. O monossílabo em inglês cujo som pronunciado nos entra pelo ouvido como o estalar de um bitoca, agora trespassa sua acepção estrita. Seu significado literal se esvaziou de sentido. Tragédias são episódios tão avassaladoramente desconstrutivos da rotina esperada, tão perturbadoramente dessarrumadores da ordem natural, tão violentamente instauradores da ruína e do caos, que nem mesmo a semântica se mantém de pé (CANELLAS, 2018. p. 9).

Emissoras locais, como a TV Pampa, foram as primeiras a iniciar a transmissão, acompanhando a tragédia durante toda a madrugada. Depois, as grandes emissoras

---

<sup>5</sup> Crônica “Morte”. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pedro-bial/969107/>

<sup>6</sup>Referência ao livro “O espetáculo mais triste da terra” (do autor Mauro Ventura), que conta a história do incêndio no Gran Circo Norte Americano.

enviariam seus principais jornalistas para trabalhar. No caso da Rede Globo de Televisão, nomes como Willian Bonner e Sandra Annenberg apresentaram seus programas em loco para levar ao público as informações sobre mortos e feridos. Pode-se dizer que o uso desse artifício foi feito para dimensionar ao público o quanto aquela cidade estava transtornada, trazendo proximidade, e para demonstrar que os repórteres e as empresas jornalísticas deram grande foco para a tragédia.

A notícia do incêndio trouxe à tona na memória dos brasileiros outros incêndios anteriores, como o do edifício Joelma e o do Gran Circo Norte Americano. Após as primeiras notícias emergenciais, os veículos de comunicação foram se organizando, e passamos a ver reportagens longas e até edições exclusivas para a tragédia.

As redes sociais também tiveram imensa importância na cobertura. A agilidade proporcionada pela internet permitiu que as histórias começassem a ser divulgadas antes mesmo do primeiro jornalista chegar ao local. Existem relatos, como o reportado pelo portal “Terra<sup>7</sup>”, de que pedidos de socorro chegaram a ser feitos por algumas vítimas de dentro da casa noturna.

Antes de se tornar, junto com a irmã, uma das vítimas do incêndio que matou pelo menos 33 pessoas em Santa Maria na madrugada deste domingo, Michele Froehlich Cardoso usou o Facebook para pedir socorro. Em seu perfil na rede social, ela postou a frase “incêndio na Kiss. Socorro. (TERRA, 2013)

Cinco anos depois da tragédia, a jornalista Daniela Arbex lançou o livro reportagem “Todo dia a mesma noite”, no qual conta a história de diversos personagens da tragédia. Neste livro, mesmo que cinco anos depois, muitas informações novas são trazidas e alguns questionamentos são respondidos, como histórias de diversas famílias que perderam filhos, sobrinhos e amigos, além dos relatos de profissionais e voluntários que ajudaram na tragédia.

Segundo Arbex, um relato importante é o do, na época, sargento do corpo de bombeiros Robson Viegas Muller, que foi o oficial responsável por coordenar o combate ao incêndio e resgate das vítimas. Ao entrar na boate após o incêndio ter sido combatido, Muller encontrou cerca de 15 corpos, mesmo com a gravidade, acreditou ter conseguido ajudar a salvar a grande maioria dos presentes, porém, ao entrar nos banheiros, foi tomado pelo desespero ao constatar que mais de 100 pessoas teriam morrido nos sanitários, na desenfreada busca por ar. “Nenhum treinamento o havia preparado para

---

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/tragedia-em-santa-maria/rs-antes-de-morrer-em-incendio-vitima-pediu-socorro-no-facebook\\_da58e22f9ad7c310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html](https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/tragedia-em-santa-maria/rs-antes-de-morrer-em-incendio-vitima-pediu-socorro-no-facebook_da58e22f9ad7c310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html). Acessado no dia 18/01/2019.

---

lidar com a dor que sentiu no momento em que se viu tomado pelo mais humano dos sentimentos: a compaixão. ‘Nós não salvamos ninguém’.’” (ARBEX, 2018, p.30).

Esse tipo de relato trazido por Arbex e outros conseguidos por jornalistas no momento, como em reportagem do G1<sup>8</sup> e da revista Veja<sup>9</sup> sobre a tragédia, demonstram a gravidade e a necessidade do trabalho do jornalista, que tem a obrigação de conseguir as informações, mas tem que saber respeitar a dor e o sofrimento da pessoa que está sendo entrevistada. Outro ponto importante no livro-reportagem é a presença do ambiente pré-festa, seja da perspectiva de profissionais do SAMU, dos ambientes familiares e dos preparativos para a festa de algumas das vítimas. A autora escolheu personagens importantes como o médico Carlos Dorneles e os pais de algumas vítimas. No caso do médico, ele contou sobre sua noite, incluindo jantar com amigos e passeio com a esposa, antes de ser chamado para trabalhar no resgate da Kiss. Já em relação aos familiares, a autora narrou sobre como mães ajudaram a arrumar os filhos e filhas para a festa, além de descrever a forma como esses pais foram avisados da tragédia.

Mais próximo à data da tragédia, alguns veículos da mídia tradicional dedicaram grandes espaços para as notícias, como, por exemplo, a revista Veja, que acabou sendo alvo de diversas críticas, as quais acusavam o veículo de ter utilizado uma modelo debruçada sobre um caixão para causar comoção. Porém, a moça debruçada no caixão era a namorada do garoto falecido, ambos estavam dentro da boate, apenas ela conseguiu escapar com vida (ARBEX, 2018).

Comparando aos outros casos aqui mencionados, podemos observar a presença tecnológica que mostra, na cobertura da Kiss, infográficos e maquetes virtuais, além de simulações aparecerem nos telejornais, mas um dos principais pontos para destacar foram os vídeos gravados por pessoas que estavam próximas à boate. Dada a imprevisibilidade da tragédia, não existia nenhum jornalista próximo no momento em que começou o fogo, mesmo assim, muitos vídeos circularam, vídeos feitos por curiosos, por vítimas ou por voluntários, como taxistas. Tais vídeos causaram grande comoção nas redes sociais, e relatos paralelos aos “oficiais” ou aos feitos pela mídia começaram a circular com grande velocidade. Por um lado, isso demonstrava a gravidade do acontecimento, porém as fake

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/01/leia-relatos-de-quem-ariscou-vida-para-tentar-resgatar-vitimas-em-boate.html>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/eles-sobreviveram-ao-inferno-da-boate-kiss/>

---

News ou os “achismos” também correram de forma rápida, dificultando o acesso aos fatos.

### **Caso Celso Daniel**

O assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel, é um dos maiores mistérios que a justiça brasileira encontra. Os desdobramentos que não param de surgir indicam que um crime político foi cometido, como afirma a promotoria, segundo a revista “Veja”<sup>10</sup>. Celso Daniel e Toninho do PT (ex-prefeito de Campinas) são fantasmas que assustam o Partido dos Trabalhadores até hoje (NAVARRO, 2016).

A cobertura jornalística para o caso Celso Daniel foi intensa, diversos jornalistas e veículos debruçaram-se sobre o caso. O mesmo não ocorreu no caso de Toninho:

A família de Toninho nunca aceitou a tese de que o prefeito, arquiteto e professor universitário, fora vítima de um crime urbano. O assassinato só não ganhou repercussão maior no Brasil porque, na manhã seguinte, quando as redações dos veículos de imprensa se preparavam para a cobertura do caso, terroristas da Al Qaeda derrubaram dois aviões contra as torres gêmeas do World Trade Center, nos Estados Unidos, naquele 11 de setembro que mudaria o mundo. Faltou espaço para Toninho nas páginas dos grandes jornais (NAVARRO, 2016, p. 40).

Em repercussão midiática, o crime que mudaria a história brasileira “perdeu” para o atentado que modificou a história do mundo. Os valores notícia universais ficaram acima dos nacionais, o atentado que matou milhares de pessoas nos Estados Unidos ofuscou a morte do prefeito de Campinas. O assassinato de Toninho teve repercussão abrandada perante o ataque de Osama Bin Laden.

Celso Daniel foi sequestrado no dia 18 de janeiro, quando saía de um restaurante acompanhado de um amigo. Apenas Celso Daniel foi levado, o que coloca o amigo “Sérgio Gomes da Silva”, conhecido como Sombra, na posição de suspeito, já que não fez nenhum movimento para defender Celso Daniel, mesmo estando armado e na direção de um carro blindado. Na manhã do dia 20, o corpo do prefeito foi achado e iniciou-se na polícia e na imprensa um intenso trabalho de investigação da morte. Apesar de várias vezes dada como encerrada pelos órgãos competentes, a investigação segue até os dias de hoje levada à frente pela Polícia Federal, com a operação “Lava a Jato” e suas diversas etapas, como demonstra a revista Veja<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/promotoria-reafirmara-tese-de-crime-politico-no-caso-celso-daniel/>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/lava-jato-assombra-pt-com-fantasma-de-celso-daniel/>. Acessado em 03/04/2019.

O governo de Celso Daniel foi marcado por um imenso esquema de desvios de dinheiro envolvendo empresários da cidade e políticos importantes<sup>12</sup>. Celso Daniel já havia sido escolhido pelo então candidato a Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, como coordenador da campanha (NAVARRO, 2016). No velório de Celso, o futuro presidente proferiu palavras que ficariam marcadas nos livros de história do país: “Estou convencido de que você, Celso Daniel, não foi vítima do acaso e que não foi um incidente. Possivelmente, sua morte foi planejada, possivelmente tem gente graúda por trás disso”<sup>13</sup>.

Nos anos que seguiram a morte de Celso Daniel, diversos personagens com relações com o fato também foram assassinados, a maioria deles em circunstâncias nunca explicadas<sup>14</sup>. Antônio Palácio de Oliveira foi o garçom que serviu a mesa de Celso Daniel na noite do sequestro, foi morto por dois motoqueiros que o perseguiram e jogaram ele e sua moto contra um poste, ele foi citado em telefonemas entre dois dos acusados. Paulo Henrique da Rocha Brito, a única testemunha do assassinato de Antônio e, também, quem acionou o resgate, acabou sendo morto dias depois. Iran Moraes, agente funerário, foi o primeiro a reconhecer o corpo do ex-prefeito, morreu em 2004 também assassinado. Dionísio Aquino Severo foi um dos principais criminosos que participaram do sequestro, morreu assassinado por uma facção rival em uma falha inexplicável de segurança do CDP Belém. Sérgio “Orelha”, que escondeu Dionísio após a primeira fuga deste, foi fuzilado em novembro de 2002. O investigador da Polícia Civil Otavio Mercier, que chegou a conversar com Dionísio após o sequestro, foi surpreendido em sua casa e morto a tiros. O médico legista Carlos Delmonte, que foi quem analisou o corpo de Celso Daniel, foi assassinado em seu consultório. Mais recentemente, em 2015, o delegado Josimar Ferreira, que foi quem recebeu o caso na época, foi assassinado e a promotora do caso, Eliane Vendramini, sobreviveu a um atentado quando um carro bateu repetidas vezes contra o veículo que ela dirigia até fazê-lo capotar.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/qualidade-de-vida-sc/19,0,943748>. Acessado em 03/04/2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u44402.shtml>. Acessado em 03/03/2019.

<sup>14</sup> Disponível em: [https://www.verdadesufocada.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15524:o- assassinato-de-celso-daniel-e-as-outras-misteriosas-onze-mortes&catid=47&Itemid=94](https://www.verdadesufocada.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15524:o- assassinato-de-celso-daniel-e-as-outras-misteriosas-onze-mortes&catid=47&Itemid=94). Acessado em 03/04/2019.

<sup>15</sup> Publicado pelo Jornal “O Estado de São Paulo”. Disponível em: <http://dilmonte.blogspot.com/2010/09/jornal-o-estado-de-sao-paulo-confirma.html>. Acessado em 03/04/2019.

O telejornal “Fantástico” apresentou, em 2005, uma reportagem de 10 minutos noticiando a morte do médico legista Carlos Delmonte (médico que examinou o corpo do ex-prefeito e concluiu que o político tinha sido torturado antes de morrer). Com trilha de filme de terror, Pedro Bial e Glória Maria anunciaram a morte do médico e recapitularam todas as mortes anteriores ligadas ao caso. Apesar da grande aura política que recobre o crime, a imprensa fez grandes coberturas às investigações. A revista Veja também noticiou essas informações.<sup>16</sup> O Estadão criou uma página especial para acompanhar o caso.<sup>17</sup>

As investigações chegaram à favela Pantanal, de onde os criminosos saíram e próximo ao local onde, provavelmente, Celso Daniel foi mantido em cativeiro. Oito criminosos foram presos e admitiram sua participação no crime, suspeita-se que existiram outros cujos nomes nunca foram descobertos. Em um dos depoimentos desses criminosos foi falado que a morte de Celso Daniel era “queima de arquivo”. O que Celso Daniel poderia contar nunca saberemos, nem que rumos o país tomaria caso esse crime não tivesse acontecido (NAVARRO, 2016).

A morte de uma única pessoa, como no caso de Celso Daniel, se encaixa em um tipo de cobertura especial, em que os valores notícia estão relacionados à notabilidade do falecido. Como destacam Negrini e Brandalise, a partir do pensamento de Traquina:

Também são selecionados por Traquina (2005) como critérios de noticiabilidade de seleção – critérios substantivos – a notoriedade do ator principal; a proximidade do fato ocorrido, tanto em termos geográficos como em culturais; a relevância de um fato para o contexto social de onde é divulgado; a novidade que um fato irá apresentar; o tempo, em relação à atualidade; a notabilidade de um assunto, “[...] isto é, a qualidade de ser visível, de ser tangível” (NEGRINI e BRANDALISE, 2015. p. 84).

Em casos de crimes hediondos ou em casos de pessoas públicas, a cobertura normalmente se intensifica. Podemos ver outros casos em que apenas uma pessoa morreu e, mesmo assim, recebeu grande atenção da mídia, como nos casos de Isabela Nardoni e Ayrton Senna, por exemplo. Porém, esses casos diferem do de Celso Daniel por serem: um crime hediondo e uma morte trágica de um ídolo nacional, respectivamente.

### **O meteoro da alegria**

“Todo mundo tem um motivo para chorar, a gente quer ser o diferente, quer ser um motivo para rir, acho que é isso que está pegando legal”. Essas foram as palavras do

<sup>16</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/caso-celso-daniel-2-8211-todos-os-mortos-de-uma-historia-com-muitos-enigmas-e-nenhuma-resposta/>. Acessado em 03/04/2019.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/caso-celso-daniel> . Acessado em 04/04/2019.

vocalista Dinho para explicar o sucesso da banda Mamonas Assassinas.<sup>18</sup> O jornalista e cronista Arnaldo Jabor definiu o fenômeno que foi a banda:

Os Mamonas assassinas fizeram sucesso com as crianças porque cantavam o sexo infantil que os pais proibem, os mamonas viravam a bagunça em arte, a desobediência em música eles eram os Rolling Stones dos nenês, as crianças se vingavam do mundo triste e careta dos adultos através de suas músicas que eram músicas ingênuas e boas com letras incríveis (...) música muito brasileira filha do rock rural e do pagode com as letrinhas sem vergonha do Lamartini e do Braguinha que cantavam “a perereca da vizinha” ou “o que que há com a sua baratinha”. Eles eram filhos de operários caipiras italianos carcamanos e japongas um retrato alegre do Brasil da periferia sua arte era prazer popular, rock operário, loucura e circo, pobreza e prazer, o avião que morreram tinha um prefixo PT – LSD.” (JABOR, 1996)<sup>19</sup>

A banda, que durou menos de um ano, chegou a fazer 4 shows por dia. Nesse ritmo louco, as pontes aéreas eram rotina, até que, no fatídico 3 de março de 1996, o avião em que estavam se chocou com a Serra da Cantareira. Os famosos Plantões da Globo interromperam a programação várias vezes, o repórter de cima do helicóptero tentava traduzir o que a imagem mostrava, já que devido às condições de tempo, a imagem não era tão clara.

O velório dos músicos foi feito no ginásio municipal de Guarulhos, cidade natal da banda. Coube ao experiente Carlos Tramontina cobrir e transmitir as primeiras informações ao longo de toda a programação da Rede Globo, daquele fatídico dia, além das famílias, cerca de 20 mil pessoas compareceram ao velório dos artistas. Considerando que este fato é o mais antigo entre os aqui estudados, podemos ver grandes dificuldades técnicas, como, por exemplo, as imagens feitas pelo helicóptero que foi à Serra da Cantareira acompanhar o resgate dos corpos estão embaçadas, dificultando a visualização do público. Outro ponto está relacionado ao som, se Roberto Cabrini precisou repetir várias vezes “Ayton Senna morreu”, dois anos antes, os repórteres precisaram encontrar maneiras alternativas para conseguirem ser entendidos.

O fenômeno Mamonas ficou ainda mais evidente com as imagens que foram transmitidas nos dias seguintes ao acidente: muitas crianças e adolescentes chorando pelo falecimento da banda foram apresentadas em diversos meios de comunicação. O telejornal “Fantástico” do dia 03 de março de 1996, inclusive, utilizou as crianças para homenagear a banda: no fim de cada bloco, crianças cantando as canções dos Mamonas foram mostradas.

<sup>18</sup> Entrevista usada para a reportagem especial feita pelo Jornal Nacional no dia 04/03/1996. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=L9rtid\\_xAQU](https://www.youtube.com/watch?v=L9rtid_xAQU)

<sup>19</sup> Veiculada na mesma matéria da nota “4”.

---

Além dos telejornais, os programas de entretenimento da Globo também dedicaram-se a noticiar e homenagear os Mamonas. O programa do Faustão do dia três de março de 1996 foi todo dedicado à banda. No caso da banda, a mídia teve que tomar um cuidado extra ao cobrir o evento: como muitos dos fãs eram crianças, tratar a morte para elas era mais difícil e mais complexo. Como discorrem Rondelli e Herschmann:

Mais do que a cobertura, o que chamou a atenção nesse caso foi a enorme quantidade de artigos (até de jornalistas) e cartas que solicitavam que a mídia fosse discreta nas matérias jornalísticas que cobriram desde o resgate dos corpos nos destroços do avião até o enterro dos artistas. A preocupação generalizada era com o impacto que o acontecimento teria sobre as crianças, isto é, buscava-se poupá-las do sofrimento e até de um clima de comoção que acabou em alguns momentos inevitavelmente se produzindo. (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p.210)

A Globo dedicou mais de uma hora apenas para transmissão do enterro dos Mamonas. O tom era de tristeza, imagens dos caixões foram intercaladas com dos fãs demonstrando tristezas e chorando. A tecnologia na época gerava imagens com pouca qualidade e com ruído<sup>20</sup>, além de não estarem disponíveis ainda ferramentas como simulações computacionais que ajudam a elucidar o que ocorreu.

### **Considerações Finais**

As coberturas de tragédias e de mortes normalmente são marcos para o jornalismo, por terem grande repercussão, lidarem com o sofrimento de muitas pessoas e, também, por gerarem grande impacto entre os públicos. Neste artigo, analisamos três coberturas televisivas diferentes e de grande alcance.

No caso da boate Kiss, temos uma imensa tragédia, na qual centenas de jovens morreram. Além do número de mortes causar impacto nas pessoas, o fato de serem jovens, de estarem em uma festa, de estarem no ápice da vida universitária, aumenta a revolta nas pessoas. A mídia teve papel determinante na tragédia da Kiss, a rápida decisão da Rede Globo em mandar todos seus principais jornalistas, inclusive transmitir os jornais de locais na cidade de Santa Maria, demonstrou real preocupação em fazer uma grande cobertura ao fato.

Já no caso da morte do ex-prefeito Celso Daniel, o foco da cobertura, além da perda humana, é a possibilidade de um crime político. Hoje, anos depois, com todas as evidências de que a prefeitura era um imenso propinoduto<sup>21</sup> para as campanhas eleitorais do Partido dos Trabalhadores, fica a pergunta: o que Celso Daniel teria para contar? A

---

<sup>20</sup> Considera-se aqui “ruído” a má qualidade das imagens devido à tecnologia da época, mesmo tendo conhecimento de que era o melhor disponível no momento.

<sup>21</sup> Nome dado ao esquema de corrupção que teria sido liderado por Celso Daniel.

política conta com a existência de casos de possíveis crimes políticos, de assassinatos ou acidentes mal explicados, por isso, mortes de políticos quase sempre causam um valor notícia significativo, com a necessidade da sociedade em entender o que está acontecendo. Os agravantes ao caso de Celso Daniel são as diversas mortes em circunstâncias não explicadas de pessoas ligadas ao caso.

Já no caso da banda Mamonas Assassinas, o fator celebridade ocorre. Uma banda no auge da carreira, que tinha um repertório que trazia alegria para os brasileiros, especialmente para as crianças brasileiras, falece de acidente. Esses elementos levam a tragédia a um patamar ainda maior do que uma simples queda de avião. Podemos citar outras coberturas sobre quedas de aviões de pequeno porte, como era o PT-LSD, que receberam apenas uma nota ou uma simples reportagem, como no caso do PR-JEE, avião que caiu no aeroporto Campo de Marte vitimando seus dois tripulantes.<sup>22</sup> No caso dos Mamonas, toda mídia parou e se reorganizou, especiais foram feitos, telejornais foram reprogramados, o velório e o enterro entraram na grade de programas.

Seja como for, a morte é sempre um tema que atrai muitos olhares e valores-notícia diferentes podem ser imputados para esse tipo de cobertura, seja pela dimensão da tragédia, pelo conhecimento público dos mortos ou por motivos políticos.

Cada vez mais, o jornalista se aproxima da notícia. Comparando o caso dos Mamonas com o da Kiss, podemos observar a imensa modificação nesse sentido. Saiu o apresentador ventríloquo (VERON, 1983) e entra os apresentadores com mais expressão e transmitindo diretamente do local da tragédia.

Cabe destacar que as três coberturas aqui estudadas, apesar de tratarem da morte de pessoas conhecidas, têm convergências e divergências. Pode-se observar que cada uma delas se torna um evento notável por motivos diferentes: A boate Kiss pelo número de vítimas e pela idade média destas; o caso Celso Daniel por ser um político importante e existir a suspeita do crime político; e no caso dos Mamonas por serem admirados por um imenso número de pessoas.

Observa-se que 27 anos separam o caso mais antigo do mais recente, nesse tempo além do desenvolvimento tecnológico e da renovação de parte das equipes envolvidas, destaca-se a presença de alguns jornalistas que estiveram em todas as coberturas, tais como Carlos Tramontina e William Bonner, e, mesmo sendo profissionais renomados,

---

<sup>22</sup> Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/11/30/mortos-em-queda-de-aviao-perto-do-campo-de-marte-eram-tripulantes-dizem-bombeiros.ghtml>

trataram cada um desses casos de forma diferente, demonstrando a transformação constante pela qual o jornalismo passa.

Outro ponto de convergência importante a ser observado é a perenidade desses casos, mesmo acontecendo há, no mínimo, todos eles ainda estão presentes no imaginário do povo brasileiro e dos pesquisadores, sendo alvos de produtos jornalísticos externos, como documentários e livros, normalmente aprofundando e trazendo à tona questões ligadas ao jornalismo humanitário que, muitas vezes, é esquecido das páginas dos jornais diários.

## REFERÊNCIAS

Arbex, D.; **Todo dia mesma noite: A história não contada da boate Kiss**. Intrínseca. Rio de Janeiro. 2018.

AZEVEDO, Reinaldo. **Promotora reafirmará tese de crime político no caso Celso Daniel**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/promotora-reafirmara-tese-de-crime-politico-no-caso-celso-daniel/>. Acesso em 2 de maio de 2019.

**A VERDADE SUFOCADA. O assassinato de Celso Daniel e as outras misteriosas onze mortes**. Disponível em: [https://www.averdadesufocada.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15524:o-assassinato-de-celso-daniel-e-as-outras-misteriosas-onze-mortes&catid=47&Itemid=94](https://www.averdadesufocada.com/index.php?option=com_content&view=article&id=15524:o-assassinato-de-celso-daniel-e-as-outras-misteriosas-onze-mortes&catid=47&Itemid=94). Acessado em 3 de abril de 2019.

**A MENTIRA TEM PERNAS CURTAS. Jornal O Estado de São Paulo confirma atentado à promotora Eliana Vendramini**. Disponível em: <http://dilmente.blogspot.com/2010/09/jornal-o-estado-de-sao-paulo-confirma.html>. Acessado em 3 de abril de 2019.

BIAL, Pedro. **Morte**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pedro-bial/969107/>. Acesso em 02 de maio de 2019.

BRASIL, Felipe Moura. **Lava Jato assombra PT com fantasma de Celso Daniel**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/lava-jato-assombra-pt-com-fantasma-de-celso-daniel/>. Acesso em 2 de abril de 2019.

BUENO, G.; OSTROVSKY, I. **Fala, Galvão!**. Globo Livros. São Paulo. 2015.

CLIC RBS. Dossiê de Celso Daniel revela esquema de desvio de dinheiro. Disponível em: . Acessado em 03/04/2019.

EMERIM, C; BRASIL, A. **Coberturas em Telejornalismo**. In: ANAIS do XXXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Recife, 2011.

EMERIM, Cárilda; CAVENAGHI, B. **Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais**. SBPJor. PUC-Paraná. Curitiba. 2012.

ESTADÃO. **Caso Celso Daniel**. Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/caso-celso-daniel>. Acesso em 2 de abril de 2019.

**FOLHA DE SÃO PAULO**. <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u44402.shtml>. Acessado em 03 de março de 2019.

Fiuza, G. **Bussunda a vida do Casseta**. Objetiva. Rio de Janeiro 2010.

G1. **Mortos em queda de avião perto do Campo de Marte eram tripulantes, dizem bombeiros**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/11/30/mortos-em-queda-de-aviao-perto-do-campo-de-marte-eram-tripulantes-dizem-bombeiros.ghtml>. Acesso em: 3 de maio de 2019.

NAVARRO, S.; **Celso Daniel, política, corrupção e morte no coração do PT**. Record. Rio de Janeiro. 2016.

NEGRINI, M; BRANDALISE, R. **Os Critérios De Noticiabilidade No Telejornalismo: Uma Reflexão A Partir Da Tragédia De Santa Maria**. Pauta Geral. Ponta Grossa. 2015.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad**. Ediciones Cuadernos Americanos. México, 1950.

PORTAL G1. **Leia relatos de quem arriscou a vida para tentar resgatar vítimas em boate**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/01/leia-relatos-de-quem-arriscou-vida-para-tentar-resgatar-vitimas-em-boate.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

PORTAL TERRA. **RS: antes de morrer em incêndio, vítima pediu socorro no Facebook**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/tragedia-em-santa-maria/rs-antes-de-morrer-em-incendio-vitima-pediu-socorro-no-facebook,da58e22f9ad7c310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

REVISTA VEJA. **Eles sobreviveram ao inferno da boate Kiss**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/eles-sobreviveram-ao-inferno-da-boate-kiss/>. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

REVISTA VEJA. **CASO CELSO DANIEL 2 – Todos os mortos de uma história com muitos enigmas e nenhuma resposta**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/caso-celso-daniel-2-8211-todos-os-mortos-de-uma-historia-com-muitos-enigmas-e-nenhuma-resposta/>. Acessado em 3 de abril de 2019.

RAINERI, R; SCHELP, D. **No teto do mundo**. LeYa. São Paulo. 2011.

RONDELLI, E.; HERSCHMANN, M.; **A mídia e a construção do biográfico o sensacionalismo da morte em cena**. Tempo Social, São Paulo. 2000.

VIEIRA, A.; FREITAS, J.; **A teoria hipodérmica e sua aplicabilidade na publicidade infantil**. Intercom. Mossoró. 2013.

YOUTUBE. **Noticiando a morte dos mamonas assassinas (Reportagem do JN)**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=L9rtid\\_xAQU](https://www.youtube.com/watch?v=L9rtid_xAQU). Acesso em: 3 de maio de 2019.